“Uma paixão do neutro”: relações entre neutro e subjetividade

Arthur Dantas da Silva¹

RESUMO: Em sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Collège de France, Roland Barthes afirma que um ensino como o praticado pela instituição deve admitir sempre uma fantasia. Em seu segundo curso ministrado, *O neutro* (1977-1978), Barthes reafirma o compromisso de colocar a aula sempre à disposição de um desejo: “Lembrar aula inaugural: promessa de que a cada ano o curso, a pesquisa, partiria claramente de uma fantasia pessoal. Em resumo: desejo o Neutro, logo postulo o Neutro. Quem deseja postula (alucina)” (BARTHES, 2003, p. 30). Ora, como desejo (desejo de neutro), o neutro pressupõe um sujeito que, a priori, talvez, pudesse negá-lo, impossibilitando-o constituir-se como neutro, tendo em vista que, da maneira como Barthes o postula, o neutro seria a suspensão de qualquer paradigma (qualquer imposição arrogante de sentido, mesmo atrelada à uma edificação subjetiva). A definição do neutro como desejo não exclui, entretanto, a presença do sujeito. Sendo assim, o trabalho pretende investigar como o neutro e esse sujeito que o deseja estão relacionados, quais as implicações que isso acarreta para a postulação do “objeto” feito por Barthes durante o curso e como esse neutro está presente (ou se deseja que esteja presente) na vida do próprio sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Roland Barthes; Neutro; Subjetividade; Curso; Desejo.

"A passion of neutral": Relations between neutral and subjectivity

ABSTRACT: In his inaugural lecture of Semiology Literary chair of the Collège de France, Roland Barthes states that an education as practiced by the institution should always admit a fantasy. In his second course, entitled *The Neutral* (1977-1978), Barthes reaffirms the commitment to put the lesson always in order to desire: "Remember inaugural class: promise that each year the course, the research, clearly starts of a personal fantasy. In short: I desire the Neutral, then I postulate the Neutral. Who wants postulates (hallucinates)" (Barthes, 2003, p. 30). Now, as desire (neutral's desire), the neutral presupposes a subject that, a priori, perhaps, could deny it, preventing it to establish itself as neutral, given that the way Barthes postulates it, the neutral would be the suspension of any paradigm (any arrogant imposition of sense, even linked to a subjective building). The definition of neutral as desire does not exclude, however, the presence of the subject. Thus, the paper aims to investigate how neutral and this subject that desires it are related, what implications this entails for the postulation of the "object" made by Barthes during the course and how this neutral is present (or how it desires to be present) in the life of the subject itself.

KEYWORDS: Roland Barthes; Neutral; Subjectivity; Course; Desire.

Na aula inaugural da cadeira de semiologia literária, proferida no Collège de France, ao refletir sobre a instituição e a espécie de ensino não arrogante que praticaria ali, Barthes designa um caminho a seguir: o ensino teria como princípio uma fantasia pessoal. Em suas palavras: "Acredito sinceramente que, como princípio de um ensino como este, deve-se admitir sempre colocar uma fantasia" (BARTHES, 2007, p. 41).

Dessa forma, Barthes demarca um ensino variante, possível de ser realizado de formas diferentes através de sua própria construção. No curso *O Neutro*, ministrado entre 1977 e 1978, ele segue o caminho da fantasia. Entretanto, neste curso, o desejo não está apenas na base, ele é tema do próprio curso, que tratará não necessariamente do neutro, mas de seu desejo.

Conceitualmente, o neutro representa uma possibilidade de invalidar, suspender, adiar, dismantelar os paradigmas necessários para a constituição dos sentidos. Essa relação paradigmática é responsável por imbuir os textos em ideologia, afinal, a comunicação se dá através de escolhas. Antes mesmo disso, a linguagem, mais certamente a língua, é um campo de prescrições fora do qual a comunicação é impossível. A língua não é possibilitar dizer, mas obrigar a dizer. O neutro, então, pode representar a maneira, não de estar fora dessas relações, mas de estar nelas sem compactuar momentaneamente. Esse neutro,

¹ Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail para contato: avdsilva@gmail.com.

mesmo, não é um ser, mas um estado de linguagem, que logo pode ser assimilado pelo poder que tentou dismantelar e configurado como uma nova estratégia arrogante. Configurado dessa forma, ele pode ser relacionado às escritas brancas, *nO grau zero da escrita*, e ao texto de gozo, no *Prazer do texto*. Na aula, Barthes afirma que a única forma de responder a essa fatalidade da língua é brincar com a própria língua, um malogro magnífico que ele chama, ao mesmo tempo, de texto, escritura e literatura.

Ora, o neutro, evidenciado por ele, como desejo e não como objeto, pode conter outra armadilha: como desejo, ele necessita de um sujeito para o qual será objeto. Ou seja, existe um sujeito que tem um desejo de neutro, o neutro é, então, seu objeto. Entendido dessa forma, o neutro pode ser incorporado, mais uma vez, pelo poder, virando um paradigma configurado pelo par individualidade/coletividade, ou subjetividade/objetividade. Evidencio que, mesmo que essa definição do neutro como peça deste paradigma em questão, pareça redutora, ela é possível, tendo em vista que muito se considera a respeito da idealização da subjetividade em combate à indiferenciação dos sujeitos no mundo moderno. Assim, o desejo de neutro seria, mais uma vez, momentâneo, não há possibilidade de permanecer neutro, pois de todas as formas, em todos os lugares, ele poderá ser incorporado ao poder. Voltaremos a isso mais adiante.

Além dessa modalidade de curso fantasmática, outro fator influenciou na preparação e a realização do curso, o falecimento de Henriette Barthes, mãe de Roland Barthes. Este fato inspirou de forma significativa o tratamento dado ao curso.

O próprio autor evidencia isso:

Entre o momento em que decidi o objeto desse curso (em maio último) e o momento em que precisei prepará-lo, ocorreu, em minha vida, alguns sabem disso, um acontecimento grave, um luto: o indivíduo que vai falar sobre o Neutro já não é o mesmo que decidiu falar sobre ele → A princípio, tratava-se de falar da remoção dos conflitos, e ainda é disso que se falará, pois não se muda um anúncio do Collège, mas, sobre esse discurso cujo argumento e cujo método expus, parece-me ouvir, hoje, em instantes fugazes, uma outra música. Qual: vou situar sua região, seu alhures, deste modo: como uma segunda questão que se desprende de uma primeira questão, como um segundo Neutro que se entrevê por trás de um primeiro Neutro:

1. A primeira questão, o primeiro Neutro, objeto declarado do curso, é a diferença que separa o querer-viver do querer-agarrar: o querer-viver é então reconhecido como a transcendência do querer-agarrar, a deriva para longe da arrogância: abandono o querer-agarrar, acomodo o querer-viver.
2. A segunda questão, o segundo Neutro, objeto implícito do curso, é a diferença que separa esse querer-viver, já decantado, porém, da vitalidade. → Pasolini, num poema, diz que só lhe resta isto: “uma desesperada vitalidade” → a desesperada vitalidade é o ódio da morte. O que então separa o recuo diante das arrogâncias, da morte odiada? É essa distância difícil, incrivelmente forte e quase impensável, que chamo de Neutro, o segundo Neutro. Sua forma essencial é, definitivamente, um protesto; consiste em dizer: pouco me importa saber se Deus existe ou não; mas o que sei e o que saberei até o fim é que ele não deveria ter criado ao mesmo tempo o amor e a morte. O Neutro é esse *Não* irredutível: um *Não* como que suspenso diante do endurecimento da fé da certeza e incorruptível por uma e por outra (BARTHES, 2003, p. 32-33. Grifos do autor).

De certa forma, o recente falecimento de sua mãe influenciou num nível ainda mais subjetivo o curso que seria ministrado a partir de então, um curso que já tratava de um tema bem variável (tendo em vista que o neutro pode ser encontrado na linguística, na botânica, na química, na sociologia, na política, na psicologia), ganha um caráter ainda mais pessoal, o que não invalida de todo o argumento, pois na aula inaugural Barthes mesmo afirma que o curso partiria de uma fantasia pessoal. A ligação existente entre o autor e sua mãe era bastante profunda. Dessa época vem um de seus textos mais literários, mesmo que ele não quisesse fazer literatura a partir de sua perda, o *Diário de luto*, publicado em 2009.

Neste diário, percebemos o sujeito lacerado que prepara o curso. Um sujeito também variante, que se vê face a face com o caráter esporádico do luto. É nesse contexto que, durante a preparação do curso, Barthes se depara com o segundo neutro, a vitalidade, o ódio à morte, o não irreduzível.

Voltemos, assim, mais uma vez, ao objeto do curso: o neutro; ou melhor: o desejo de neutro.

Barthes não chega a definir o neutro, mas delimita seu reconhecimento e, dessa forma, aparenta ser, até certo ponto, simples: ele é um terceiro termo que impossibilita, adia, suspende o paradigma necessário para constituir sentido, tendo em vista que esse paradigma é de caráter binário. Como já exposto, é possível encaixar, aí, as escritas brancas que caracterizam a responsabilidade da forma, no grau zero da escrita; o malogro que é a literatura, na Aula, e o texto de gozo, que é a fenda entre a tradição e a ruptura, um paradigma comum às escritas modernas, no prazer do texto. Em certa medida, todos esses conceitos estão interligados por uma linha de raciocínio semelhante: a de que existe uma forma da linguagem burlar sua própria instituição e *estar* como um espaço de repouso que a ideologia não alcança imediatamente, onde a obrigação da língua é suspensa, adiada, burlada. Dessa forma, a linha de raciocínio do Neutro está presente ao longo do trabalho de Barthes, mas, como neutro, essa noção enfrenta um problema: até certo ponto o neutro pode existir como tal, mas em algum momento ele pode ser incorporado como uma nova margem, uma nova peça do paradigma, o que o impossibilita de continuar configurado como neutro, tendo em vista que ele seria justamente o que impossibilita o paradigma de acontecer. Nesse novo sistema de constituição de sentido, formado pelo que era neutro e o resultado do paradigma anterior, pode se entrever um novo neutro que, entretanto, também não vai escapar da possibilidade de ser a peça de um novo paradigma.

Barthes entendia isso: o neutro como objeto é temporário, ele entra logo a serviço do poder que pretendia desarmar; a escrita branca se enche de significado e ganha cores em escala. Talvez por esse motivo Barthes não quisesse transformar o curso em um livro. Se o fizesse, logo o neutro contido ali seria dominado. Como ele mesmo disse: o neutro não é vendável. Então como explicar o texto literário branco que pode ser vendido? Ora, ele é literatura (pois a literatura é esse malogro mesmo, para Barthes), ele questiona a si mesmo, malogra-se. Representa, assim, a resposta à constituição arrogante de uma instituição literária. Logo que é vendido, entretanto, se transforma em mais um paradigma dessa mesma instituição. Realizar o curso apenas como curso seria uma maneira de permitir o neutro *estar* por mais tempo, pois ele existiria apenas na própria enunciação. Mesmo qualquer anotação que fosse feita sobre o curso, seria apenas uma referência, o neutro contido no curso não estaria ali.

É aqui que o neutro fica mais complexo. Mostrá-lo, apontá-lo, classificá-lo, catalogá-lo seria um ato de violência; seria fascista. O curso não pode se voltar ao neutro, então, mas apenas ao seu desejo. Voltar-se ao neutro seria expô-lo. Mas não é isso que é feito através da apresentação das figuras? Não necessariamente, as figuras possibilitam ver o neutro, sem analisá-lo. Trata-se de mostrar o neutro e não teorizar sobre ele. Isso evidencia apenas um primeiro passo da realização do curso como desejo.

É justamente nesse ponto em que é possível diferenciar os dois neutros apontados por Barthes. Enquanto o primeiro representa perfeitamente a definição da noção feita por Barthes na citação anteriormente lida (o neutro é o querer-viver e não o querer-agarrar), o segundo, na verdade, seria a própria vitalidade encarada como um *não* irreduzível e, justamente por ser irreduzível, fora da possibilidade do paradigma, o que não faz dele, entretanto, um posicionamento arrogante ou autoritário. Enquanto o primeiro representa uma posição diante do querer-agarrar da sociedade burguesa, o segundo é, implicitamente, o próprio desejo, a vitalidade, a força contrária à morte. O primeiro neutro é o objeto das figuras, aquele que o sujeito reconhece no texto, enquanto o segundo é a própria enunciação, o próprio curso.

Ora, a *mostragem* do neutro acontece dessa forma porque no momento em que ele se transforma em uma escolha de vida ele pode ser transformado, também, em peça de um paradigma. A única forma irreduzível do neutro, então, é o desejo, é o próprio curso: o desejo de desejar. Enquanto o curso mostra o primeiro neutro, ele põe em prática o segundo.

Assumindo essas reflexões, o sujeito do segundo neutro é imprescindível, pois o desejo de neutro não é catalogável, tendo em vista que não é direcionado para um objeto. Logo, ele não pode ser transformado em categoria, principalmente porque impede que qualquer categoria seja formada. Não é o desejo de um objeto, é o desejo de desejar, logo, sem objeto, esse desejo existe na figura do próprio sujeito. Por ter esse caráter subjetivo e volátil, ele é contingente, o que é uma das principais maneiras do neutro. Sendo assim, a presença do sujeito não designa o neutro como parte de um paradigma (representado pelo par subjetividade/coletividade), na verdade, o caráter volátil do segundo neutro impossibilita esse sujeito de se opor à coletividade. É mais uma vez, a própria vitalidade.

Como tratado anteriormente, esse segundo neutro não é um objeto, ele é o desejo de permanecer desejando. No curso, então, nas figuras, temos o reconhecimento da remoção do paradigma, mas isso é apenas o querer-viver; a vitalidade mesmo só experimentada pelo sujeito no próprio curso, que é a expressão de sua fantasia.

No momento em que coloca assim a sua própria enunciação, o sujeito permite-se viver o neutro como desejo de desejar, é uma ação cíclica tendo em vista que seu único objeto é, mais uma vez, a própria ação de desejar, voltando-se, novamente, ao desejo. Esse movimento explica o caráter plural do neutro. Não há a coisa neutra (segundo a definição barthesiana), há neutros, pois ele depende do sujeito. Não há possibilidade de um produto vendido como neutro, pois isso o faria deixar de ser. Mais uma vez, as coisas estão em estado neutro. No momento em que é reconhecido e incorporado ao poder, ele logo surge em outro lugar, pois esporádico, contingente.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. *O neutro: anotações de aulas e de seminários ministrados no Collège de France, 1976-1977*. Organização de Thomas Clerc. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.